

CADA BOTÃO SUA CASACA

INDUMENTÁRIA RECUPERADA NAS ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS DA FRAGATA *SANTO ANTÓNIO DE TANÁ*, NAUFRAGADA EM MOMBAÇA EM 1697

ANDRÉ TEIXEIRA, LUÍS SERRÃO GIL CHAM – FCSH-UNL|UAç

RESUMO Em 1697, a fragata *Santo António de Taná* partiu num pequeno esquadrão liderado pelo general Luís de Melo Sampaio para a costa oriental de África, em socorro da fortaleza de São Jesus de Mombaça, que sofria há vários meses o cerco dos árabes omanitas. No entanto, esta tentativa de auxílio teve um desfecho trágico para esta embarcação, naufragada junto à fortificação nesse ano. Os destroços da *Santo António de Taná* permaneceram praticamente intocados até a década de 70 do século XX, quando uma equipa do Institute of Nautical Archaeology (INA) liderada por Robin Piercy ali realizou escavações arqueológicas. Nos destroços foram identificados e recuperados inúmeros artefactos de uso quotidiano utilizados pela tripulação aquando do naufrágio. Entre eles conservaram-se diferentes peças da indumentária utilizada pelos nautas, elemento distintivo numa sociedade onde o aspecto visual tinha forte impacto nas relações interpessoais e na diferenciação social, mesmo a bordo, revelando igualmente aspectos relacionados com a religiosidade dos que seguiam a bordo.

PALAVRAS-CHAVE Oceano Índico, portugueses, naufrágio, vestuário, religiosidade

1. INTRODUÇÃO

A 25 de Novembro de 1696, a fragata *Santo António de Taná* partiu de Goa para a costa oriental africana à frente de um pequeno esquadrão de cinco embarcações, a fim de socorrer a fortaleza de Jesus de Mombaça, que sofria há vários meses o cerco de forças omanitas¹. Naqueles finais do século XVII, o “inimigo arábico” era um dos principais competidores do Estado da Índia, empreendendo um processo de expansionismo naval no Índico Ocidental, visando simultaneamente os portos portugueses no litoral leste-africano e na costa ocidental indiana. A embarcação fora construída década e meia antes em Baçaim, cidade da província do Norte onde existiam importantes estaleiros de construção naval, além de oficiais especializados nas actividades marítimas. A maioria dos tripulantes da expedição, incluindo marinheiros e militares, tinha origem indiana. O próprio comandante, Luís de Melo Sampaio, era natural do Estado da Índia², pertencendo a uma linhagem de fidalgos há mais de um século estabelecidos naquelas terras de Baçaim, onde detinham importantes concessões fundiárias (Teixeira, 2010, p. 313,

363-78). A paragem de alguns meses em Moçambique, depois de uma primeira aproximação a Mombaça e antes do desfecho trágico junto a esta cidade, terá levado ao ingresso a bordo de pessoas e bens com esta origem, como provam os achados cerâmicos e, provavelmente, uma carga de ébano (Sassoon, 1981, p. 126-28). Efectivamente, a tentativa de socorro gorou-se e a fragata naufragou à vista de Mombaça nos primeiros dias de Novembro de 1697, precipitando a queda da cidade nesse mesmo ano, depois de 32 meses de cerco, facto que veio a consagrar o poder omanita na região.

Os destroços da *Santo António de Taná* permaneceram praticamente intocados até à década de 1960, quando mergulhadores amadores os descobriram, levando à organização de uma campanha arqueológica dirigida por James Kirkman. Entre 1976 e 1980, uma equipa do *Institute of Nautical Archaeology* liderada por Robin Piercy realizou ali trabalhos arqueológicos mais intensivos, revelando os vestígios de uma parte significativa da embarcação e recuperando mais de 7000 objectos relacionados com o funcionamento do navio, a vida a bordo e a carga transportada, obrigando a campanhas posteriores para registo de todos os achados (Piercy, 1998). Depois da realização de vários estudos parcelares, bem como de teses académicas, o sítio de naufrágio está a ser objecto de investigação mais abrangente, com vista à publicação de uma monografia dos trabalhos arqueológicos, da história da embarcação e

1. Sobre o forte de Jesus de Mombaça veja-se Kirkman, 1974.

2. Veja-se a relação do cerco de Mombaça existente na Biblioteca Nacional, *Fundo Geral*, Códice 584, fol.18. Escreve-se ali que no “número de soldados e marinheiros entravam muitos naturais”, identificando Melo Sampaio como “fidalgo nascido na Índia”. Agradecemos a Pedro Pinto a disponibilização deste documento.

do seu contexto. Dado o desejo de desenvolver este trabalho numa perspectiva interdisciplinar e internacional, foi firmado em 2011 um protocolo de colaboração entre o *Institute of Nautical Archaeology* e o Centro de História de Além-Mar.

É neste âmbito que se insere o presente trabalho. Efetivamente, no espólio recuperado entre os destroços da *Santo António de Taná* individualizaram-se artefactos que remetem para o vestuário e que permitem lançar hipóteses acerca das indumentárias utilizadas pelos diferentes tripulantes. Embarcavam nestas “povoações flutuantes” pessoas de diferentes condições e costumes (Guinote, 1998, p. 53), incluindo uma série de oficiais especializados, gente de armas, marinheiros e passageiros, portanto indivíduos de todos os estratos sociais, desde o fidalgo ao indigente, e com origens étnicas distintas. Estas diferenças sociais eram visíveis não só nas funções e nas condições como viviam a bordo, como também no traje, pois este era usado para que “reflectisse com clareza o estatuto social” (Silva, 2001, p. 450-51).

2. O VESTUÁRIO PORTUGUÊS EM FINAIS DE SEISCENTOS

O século XVII foi marcado por grandes alterações no modo de vestir. A indumentária tornou-se menos rígida, surgindo um estilo mais natural (Köhler, 1996, p. 349), “a que corresponde também o desenvolvimento das indústrias têxteis, nomeadamente das sedas e outros produtos de luxo”. Este processo iniciou-se no vestuário masculino a partir da França de Mazarino e Luís XIV, que substituiu em Portugal as antigas influências predominantemente espanholas, italianas e alemãs. As “alterações do gosto” terão sido introduzidas pelos matrimónios reais de D. Catarina de Bragança com o soberano inglês Carlos II, em 1664, e do monarca português D. Afonso VI com a infanta D. Maria Francisca da Sabóia, dois anos mais tarde. Assim, vão aparecer “duas tendências de moda barroca”, de influência inglesa e francesa (Pires *et al*, 1989, p. 5-6).

A indumentária masculina da fidalguia na segunda metade do século XVII incluía os seguintes elementos: chapéu de aba larga virada para cima num dos lados, copa alta, decoração com penas e debrum de ouro ou um tricórnio; cabelo comprido ou peruca tipo *allongée*, uma massa de pequenos cachos que pendiam até meio das costas; *cravate*, um lenço de pescoço; uma camisa com mangas bufantes, normalmente de linho; um gibão curto, usado neste período apenas em dias festivos; *la veste* ou *véstia*, uma espécie de casaco que chegava quase aos joelhos, com botões na parte da frente, justo no peito e aberto nas costas e nos lados até aos

quadris; *o justaucorps*, casaca que sobrepunha a *véstia*, muito ornamentada e com botões na parte da frente, na abertura das costas, nos bolsos e nos punhos, peça que se tornou a mais importante até ao final do século XVIII; *la culotte*, calções largos franzidos na cintura; meias ornamentadas com um debrum de renda; sapatos decorados ou botas (Boucher, 1987, p. 260-70; Köler, 1996, p. 353-82).

Se o traje dos homens de “classe média” se aproximava ao da fidalguia, embora menos dispendioso e elaborado, os grupos populares envergavam vestes bem mais simples e funcionais, de paleta cromática sóbria e limitada, cujo corte das peças se mantinha ao longo de gerações (Silva, 1993, p. 171). Contava basicamente com um chapéu de abas largas, uma camisa, um casaco abotoado ou colete, por vezes de pele tipo gibão, calções até joelho e sapatos ou botas (Boucher, 1987, p. 286-88).

Os dados para o Estado da Índia são escassos neste domínio. O circunstanciado relato do viajante francês Pyrard de Laval, de inícios de Seiscentos (Castro e Bouchon, 1998), é uma das melhores fontes para conhecer o traje dos súbitos asiáticos do monarca português, juntamente com a iconografia de Jan Huygen van Linschoten (Pos e Loureiro, 1998). Assim, os nobres portugueses de Goa apresentavam-se em cerimónias oficiais “soberbamente trajados”, montados nos seus cavalos e cobertos por sombreiros, vestindo claramente “à maneira de Portugal”. As mulheres fidalgas usavam vestidos de brocado de ouro, prata, seda e pedras preciosas, ornando-se de jóias no cabelo, nos braços, nas mãos e na cintura e calçando sapatos abertos de salto alto; usavam véus de finos tecidos da cabeça aos pés, mais coloridos no caso das moças, negros no caso das casadas (Castro e Bouchon, 1998, p. 601 e 621-22).

Já os soldados portugueses, que usavam capacete de ferro com crista e cobertura da nuca, envergavam em terra calções largos e bem compridos, ao passo que no mar preferiam calções mais curtos e ajustados, ditos então “à francesa”, dispensando muitas vezes os sapatos para obter maior estabilidade. Numa curiosa metáfora, o viajante francês referia, porém, que “todos deitam as suas colheres ao mar” depois de passar o Cabo da Boa Esperança, deixando assim os seus modos e costumes europeus (Castro e Bouchon, 1998, 638 e 644). O autor descreve, ainda, as roupas usadas em casa pelos portugueses mestiços e cristãos indianos: os homens vestiam ceroulas até ao calcanhar e camisa, de tecido branco e fino, ostentando chapéu ou carapuça de veludo ou tafetá. As mulheres trajavam um *baju*, uma camisa curta sobre as ancas quase sem mangas, muito fina, clara e com amplo decote, além de uma saia de algodão ou seda, usando a cabeça

descoberta. Finalmente, os “servidores e escravos”, de origem asiática ou africana, envergavam somente uma saia, de fina manta de seda colorida (Castro e Bouchon, 1998, p. 622 e 630-31).

3. BOTÕES

Entre o espólio associado a vestuário recolhido na intervenção arqueológica da *Santa Antónia de Taná* destacam-se onze botões em prata, dois em cobre, quatro em chumbo e oito em madeira (fig. 1). Os primeiros apresentam uma cabeça subcircular com 1 cm de diâmetro e um engaste em anel subcircular (MH6308), parecendo fazer parte da véstia ou mais dificilmente da casaca. Esta forma de abotoadura parece enquadrar-se tipologicamente nas limitações criadas pela pragmática de 1688, que apenas permitia o uso de botões de “prata lisa feitos ao martelo e não feitos de filigrana de prata ou ouro”. Este tipo de legislação foi abundante no século XVII, tendo como principal objectivo refrear o luxo exacerbado das elites e conter as importações de tecidos e adornos produzidos fora do Reino (Silva, 2001, p. 450-51).

As abotoaduras em prata pertenceriam certamente ao capitão geral ou aos oficiais superiores da fragata, já

que constituíam um bem móvel de grande valor, “cuidadosamente guardadas em caixas ou arcas de madeiras preciosas” quando não utilizadas (Silva, 1991, p. 329-30). O seu uso está largamente documentado entre a nobreza europeia da época, testemunhado em quadros como o de William II de Orange, pintado por Anthonis Van Dyck c. 1641; Luís XIV de França, pintado por Henri Testelin em 1666; ou do próprio monarca português D. João V, retratado hipoteticamente por Duprá décadas depois (Pereira, 1995, p. 141). Foram também identificados artefactos semelhantes em escavações arqueológicas, embora em número muito reduzido, por exemplo no antigo Palácio dos Marqueses de Marialva de Lisboa (Torres, 2006).

Quanto aos quatro botões de chumbo exumados na *Santa Antónia de Taná* apresentam uma cabeça semiesférica com 1,22 cm de diâmetro, uma pequena calote esférica na parte superior e um engaste possivelmente semicircular (MH0182). Os dois botões de cobre assemelham-se aos anteriores, embora alguns exemplares tenham uma perfuração central em substituição do engaste. Esta forma de abotoadura encontra paralelo em exemplar de ferro exumado no Solar dos Ribeirinho, na cidade madeirense de Machico, datado do século XVII (Sousa, 2006, p. 167).



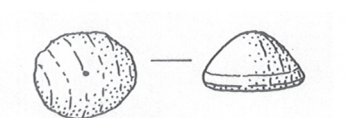
MH 0182



MH 6308



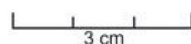
William II, príncipe de Orange, no retrato pintado por Anthonis Van Dyck, datado de c. 1641. D. João V, retratado hipoteticamente por Duprá, 1725.



MH 0657



MH 3581



Gabriel Metsu, *An Old Man Holding a Pipe and a Jug*, de c. 1663.

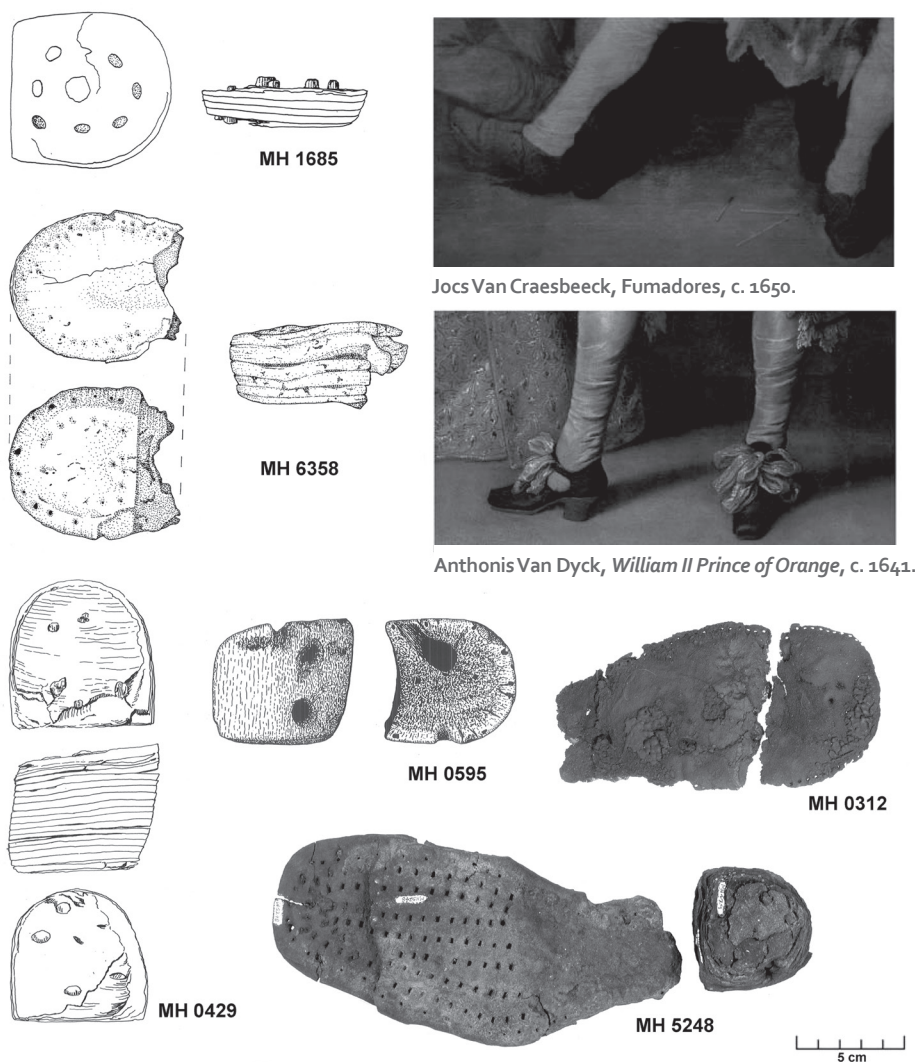
Por fim, refiram-se os oito botões fabricados em madeira (MH0657, MH3581), de forma semiesférica com perfuração central e ligeiramente maiores que os metálicos, com cerca de 1,75 cm de diâmetro. Esta matéria-prima era empregue em botões mais simples, servindo para abotoar casacos ou coletes como o representado na obra de Gabriel Metsu "An Old Man Holding a Pipe and a Jug", de c. 1663. Estes botões devem, pois, ter pertencido a soldados portugueses da fragata, sendo certo que o seu uso, por exemplo em contextos coloniais espanhóis, só se começou a generalizar nesta época (Deagan, 2002, p. 158-60) e que os indianos e africanos não envergavam este tipo de traje, como referido.

4. CALÇADO

Durante a intervenção arqueológica foram também recolhidas peças que são atribuíveis a partes do calçado utilizado a bordo (fig. 2). Durante o século XVII a moda dos sapatos acompanhou a par e passo as transformações ocorridas no vestuário. Nesta época usavam-se botas, sapatos e sandálias em couro ou tecido que

podiam ser muito simples ou mais elaborados, com ou sem salto, de ponta quadrada, afilada ou redonda, consoante a classe que os envergava ou a moda vigente (Köhler, 1996, p. 370-373).

Além da esmagadora maioria dos nautas, que seguiriam a bordo descalços, alguns tripulantes portugueses podiam utilizar sapatos de couro baixos e de ponta arredondada, atados por correias. Entre os 33 fragmentos de sola em pele encontrados nos destroços da *Santo António de Taná*, um claramente corresponde a este tipo de calçado, dada a sua forma (MH0312). Exemplos semelhantes foram exumados em sítios arqueológicos, sobretudo em contexto subaquático, como o navio inglês *Mary Rose*, afundado em 1545 no Reino Unido (Gardiner e Allen, 2005, p. 66-93); o galeão espanhol *San Juan*, naufragado na Terra Nova em 1565 (Davis, 1997, p. 43-44) e a fragata *The Machault*, perdida no Quebec em 1760 (Sullivan, 1986, p. 80-81). Refira-se também o achado do século XVII-XVIII do Convento de Jesus de Lisboa (Cardoso, 2008, p. 280-82). Apesar das diferenças cronológicas, estes paralelos apresentam características semelhantes, reforçando a ideia de que as classes populares reproduziam os mesmos modelos



2. Calçado.

de vestuário ao longo dos tempos, preocupando-se sobretudo em satisfazer as suas necessidades básicas. Para além dos achados arqueológicos, a presença deste tipo de calçado é visível na iconografia da época, como a pintura "*Poultry Sellers*", de Joachim de Beuckelaer, datada de c. 1570, e "*Fumadores*", de Joos Van Craesbeeck, de c. 1650.

Por sua vez, o calçado da elite adquiria inúmeras formas e feitios, cujo aspecto oscilou ao longo das décadas. Usavam-se botas com salto alto, de ponta quadrada ou afilada, que no início do século chegavam somente acima dos joelhos, tornando-se depois mais longas e, por vezes, dobradas para fora na sua zona superior e forradas com tecido colorido ou renda. Os sapatos de ponta quadrada ou afilada podiam ter o salto pintado de vermelho e eram adornados por fitas, rosetas, rendas, brilhos ou fivelas (Boucher, 1987, p. 266; Köhler, 1996, p. 370; Goubitz *et al*, 2007, p. 229-36 e 281-87). Nos destroços da fragata foram detectados exemplares correspondentes a este tipo de calçado, destacando-se o MH5248 quase completo, com 22,7 cm de comprimento, 8,4 cm de largura, ponta quadrada e vestígios do respectivo salto. Exumaram-se também fragmentos de ponta afilada, de que se assinala o MH3231. Identificaram-se ainda nove saltos de sapato compostos por várias camadas de pele sobrepostas, de forma semi-quadrangular; o mais completo tinha 5,3 cm de lado e 5,3 cm de altura, com 19 camadas (MH0429), mas outros tinham menos de 1 cm de espessura e eram fabricados com 2 a 6 camadas de pele (MH1685, MH6358). Recolheram-se, por fim, três saltos em madeira maciça, com 6 a 7,5 cm de lado e 6 a 6,5 cm de altura (MH0595).

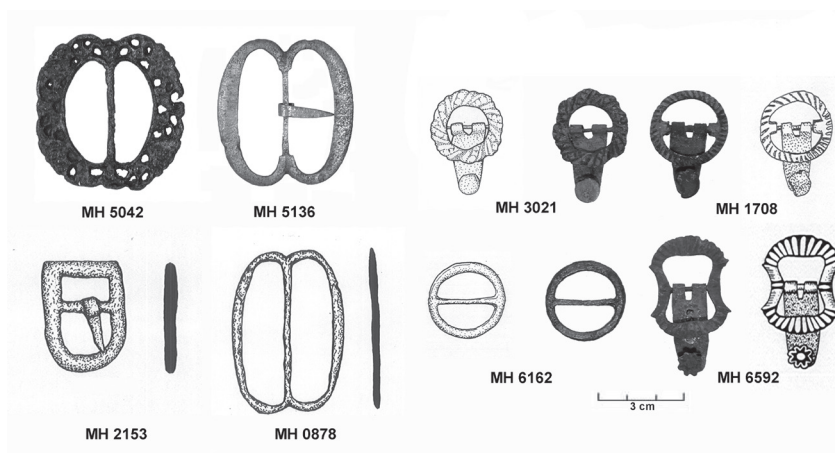
O aspecto original destes sapatos seria semelhante ao pintado no referido retrato de William II de Orange ou

na "*Conversão*", de Pieter Hooch, de 1663-65. Estes exemplares só podem ter sido utilizados pelos escasos fidalgos presentes a bordo, sendo o seu número anormalmente alto face a outros contextos de naufrágio, ou mesmo terrestres. A título de exemplo refira-se o paralelo de Londres, em Southwark (Egan, 2005, p. 29), muito idêntico ao citado MH5248.

5. FIVELAS

As fivelas são um elemento muito utilizado desde a época pré-romana e podem pertencer a calçado, vestuário, arreios, armaduras ou armamento. A identificação da sua função é por vezes difícil, recorrendo-se à sua dimensão, ao período datável e às suas características formais, bem como às representações artísticas (fig. 3). Possivelmente relacionadas com o calçado, foram identificadas na *Santo António de Taná* duas fivelas em bronze de forma oval dupla com travessão central, cerca de 5 cm de lado, secção plana e decoração "rendilhada" e com motivos florais (MH5042). O seu uso é visível nas pinturas de Thomas Hawker e na iconografia de Robert White, datada de c. 1680, representando o rei Carlos II de Inglaterra.

Foram igualmente exumadas cinco fivelas mais simples em liga de cobre, provavelmente também pertencentes a sapatos, de forma circular, com 2,6 a 3 cm de diâmetro, travessão central, anverso arredondado e reverso plano (MH6165). Exemplares semelhantes registam-se em vários sítios arqueológicos coevos, como o Solar dos Ribeirinho do Machico (Sousa, 2006, p. 167), o Convento do Carmo de Lisboa (Ferreira, 1999) ou o antigo Palácio dos Marqueses de Marialva da mesma cidade (Torres, 2006). São referidas também em cidades europeias, como Londres (Egan, 2005, p.



3. Fivelas.



Rembrandt, Rembrandt e Saskia na cena do filho pródigo no bordel, c. 1636.



Cristovão de Morias, D. Sebastião, c. 1572-74.

34), ou em sítios coloniais, como os da América espanhola (Deagan, 2002, p. 181-82). Refira-se que, entre 1670 e 1680, as fivelas substituíram os laços nos sapatos, conhecendo por isso mais larga difusão (Boucher, 1987, p. 266).

Entre o espólio da fragata recolheram-se três outras fivelas em liga de cobre com forma de U, duas de menores dimensões (2,3x2,8 cm) com anverso arredondado e reverso plano, outra bem maior (3x4 cm) de secção arredondada (MH2153). Se a função das primeiras é menos clara, a última é consentânea com a representada no quadro do 8.º correio-mor do Reino, Duarte Sousa Mata Coutinho, datado de 1674-1696, onde é utilizada em calçado.

Registaram-se ainda quatro fivelas de forma oval dupla em liga de cobre, com 3,6x3,8 a 4x5,8 cm, secção arredondada no anverso e plana no reverso, presumivelmente pertencentes a cintos. A MH0878 e, talvez, a MH 5136 deverão atribuir-se a talabarte ou *baldric*, cinto de fixação da espada que atravessava o corpo do ombro até à cintura, uma peça de luxo que evidenciava o "status" do seu portador. Este tipo de fivela, normalmente maior e mais afilada que as fivelas de vestuário, encontra paralelo em peça exumada em St. Augustine, na Florida (Deagan, 2002, p. 190-91), datada da segunda metade do século XVII. Refira-se também a pintura "Rembrant e Saskia na cena do filho pródigo no bordel", de Rembrant, datada de c. 1636. O talabarte foi substituído pelo cinto de espada cerca de 1680, utilizando-se nesse caso pelo menos quatro fivelas (Boucher, 1987, p. 270).

Por fim, foram identificadas três fivelas em liga de cobre provavelmente utilizadas também em cintos, mas apresentando decoração, o que as remete para uma utilização mais nobre, como se vê numa das mais célebres representações de D. Sebastião, a de Cristóvão de Morais, ou no retrato de D. Francisco de Moura Corte Real, 3º marquês de Castelo Rodrigo, mais próximo cronologicamente desta época. A MH6592 tem forma de "8" com travessão central redondo, 3,4 cm de comprimento e 2,1 a 2,7 cm de largura, sendo decorada com traços incisos no anverso; conserva-se ainda a lingueta de fixação com 3,1 cm de comprimento, culminada por tacha em forma de roseta. A MH1708 tem forma circular, 2,6 cm de diâmetro e lingueta com 2,6 cm de comprimento finalizada por tacha circular; o anverso tem secção arredondada, verificando-se decoração incisa, ao passo que o reverso é plano. A MH3021 tem forma circular com 2,7 cm de diâmetro e decoração entrançada; a lingueta de fixação tem 2,8 cm de comprimento e termina igualmente com tacha circular.

Assim, o grupo das fivelas aponta, tal como o calçado, para a indumentária dos militares portugueses

embarcados, podendo alguns dos exemplares considerar-se claramente pertencentes à elite a bordo.

6. MEDALHAS DEVOCIONAIS

Os aspectos devocionais das sociedades europeias da época moderna tinham natural continuidade além-mar e uma grande expressão no contexto marítimo, onde deixaram marcas na cultura popular portuguesa³. Está documentada uma intensa actividade religiosa a bordo da Carreira da Índia, fomentada pela longa duração das viagens e pelos perigos da navegação, onde a doença e a morte eram desfechos sempre possíveis, de tal modo que "Deus surgia muitas vezes como a única tábua de salvação" (Guinote, 1998, p. 60). Este facto manifestava-se nos actos litúrgicos realizados a bordo e nas orações colectivas, cumprindo escrupulosamente o calendário canónico e agradecendo ou pedindo sucesso na viagem, mas também na própria devoção pessoal, visível nas confissões e no uso de símbolos e imagens (Domingues e Guerreiro, 1989, p. 211-18).

Durante a intervenção arqueológica realizada na *Santo António de Taná* foram recolhidas três pequenas medalhas devocionais em cobre ligadas à prática religiosa, crendo-se que seriam usadas em redor do pescoço, pregadas à roupa ou nos chapéus ou como parte integrante de rosários (fig. 4). Uma delas tem forma redonda e 1,8 cm de diâmetro (MH1643). Uma das faces ostenta em relevo a figura da Virgem Maria segurando o menino com a mão direita, agarrando ambos um rosário; as figuras são emolduradas por uma "coroa" de flores de lírios, símbolo de pureza, majestade, paz e protecção. A imagem representa Nossa Senhora do Rosário, cujo culto se divulgou na segunda metade do século XV, tornando-se padroeira da Carreira da Índia em 1571 (Pedrosa, 2011, p. 5). Na outra face foi representada uma figura masculina com hábito, segurando na mão direita um livro aberto e na mão esquerda um ramo de três lírios, um elemento associado a Santo António nas representações artísticas posteriores ao século XV; a composição é rodeada pela mesma "coroa" de flores. O culto deste santo adquiriu grande difusão popular a partir de Quinhentos, sendo considerado protector dos artilheiros e contra os relâmpagos, entre outros atributos (Galvão e Galvão, 1996). A medalha é originária de Roma, um dos principais centros produtores deste tipo de objectos nesta época, dada a inscrição gravada sob a Senhora do Rosário (Deagan, 2002, p. 43).

3. Como ilustra o provérbio português quinhentista: "Se queres aprender a orar, entra no mar" (Domingues e Guerreiro, 1989, p. 211).

Outro exemplar tem forma octogonal e 2,8 cm de diâmetro (MH4627). Ostenta numa das faces duas figuras: uma masculina montada, envergando armadura e espada desembainhada, outra prostrada de braços erguidos recebendo algo do cavaleiro, possivelmente metade da sua capa. Trata-se de São Martinho de Tours, como mostra a inscrição «SAN MARTIN», mas facilmente reconhecível pela cena representada. Este foi o primeiro santo não mártir a receber o culto oficial de igreja católica e um dos mais populares da Europa medieval, sendo considerado o protector dos militares. Na outra face encontra-se uma figura masculina com barba comprida e rosto de perfil, encimada por auréola, representando São Pedro, como se lê na inscrição «PETR(?)V», o primeiro bispo de Roma e protector dos pescadores.

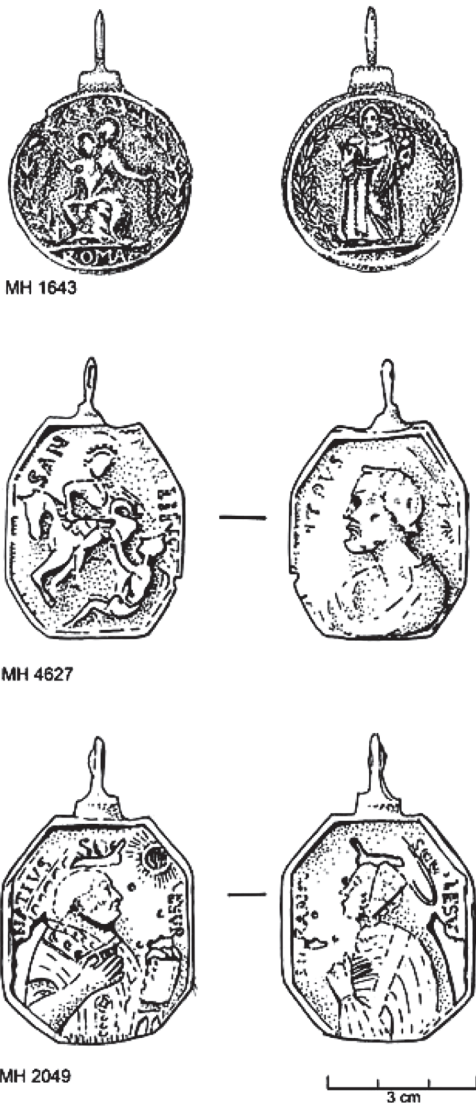
A terceira medalha tem forma octogonal e 2,15 cm de diâmetro (MH2049). Numa das faces ostenta uma figu-

ra masculina aureolada, vestindo uma estola de sacerdote e segurando na mão esquerda um livro; erguendo o rosto em direcção a um sol radioso, preenchido no seu interior com a sigla IHS, foi identificado como sendo Santo Inácio de Loyola, reconhecível também pelas inscrições «(?)GNATIVS» e «SOC(*ieta*) IESV.E», referência à ordem fundada por este santo. Na outra face encontra-se uma figura masculina aureolada, segurando possivelmente um bordão, ladeada pelas inscrições «SOC(*ieta*) IESV» e «FRANC(*iscus*) X(*averius*)», identificando assim São Francisco Xavier, o grande missionário jesuíta, com decisivo trabalho apostólico na Ásia sob jurisdição do Padroado Português do Oriente. Este tipo de medalhas foi reconhecido em vários contextos da expansão espanhola na América, como Santa Catalina de Guale (Geórgia) e St. Augustine (Florida), mas também em vestígios de naufrágio, como os da armada espanhola afundada na Irlanda em 1588 (Deagan, 2002, p. 41-54). Elas encontram-se, aliás, globalmente espalhados na Europa cristã, com representações próprias da devoção de cada região⁴. Podem citar-se paralelos nacionais seiscentistas bastante diversos, como o citado Convento de Jesus de Lisboa (Cardoso, 2008, p. 259-84), o Convento do Carmo da mesma cidade (Ferreira, 1999, p.158), o Convento de Santa Clara-a-velha de Coimbra (Mourão, 2004, p.120-23), ou um habitat rural do concelho de Lousada (Leite *et al*, 2006, p. 40).

Note-se que os exemplares recuperados na *Santo António de Taná* relacionam-se directamente com a gente cristã embarcada naquele universo índico. As evocações protectoras da Carreira da Índia e dos artilheiros, por um lado, dos militares e pescadores, por outro, apontam claramente para o contexto marítimo e bélico dos tripulantes da fragata, naquela espinhosa missão de defesa de Mombaça; estas enquadrariam os servidores do rei na Igreja, através daquelas imagens identitárias. As referências aos jesuítas, nomeadamente ao seu fundador e ao “apóstolo das Índias”, como ficou conhecido o padre Xavier, conformam o cenário apostólico do Estado da Índia, embora não fossem dele exclusivo, sendo aliás bastante divulgados em terras americanas neste período (Deagan, 2002, p. 44).

7. MEDALHÕES

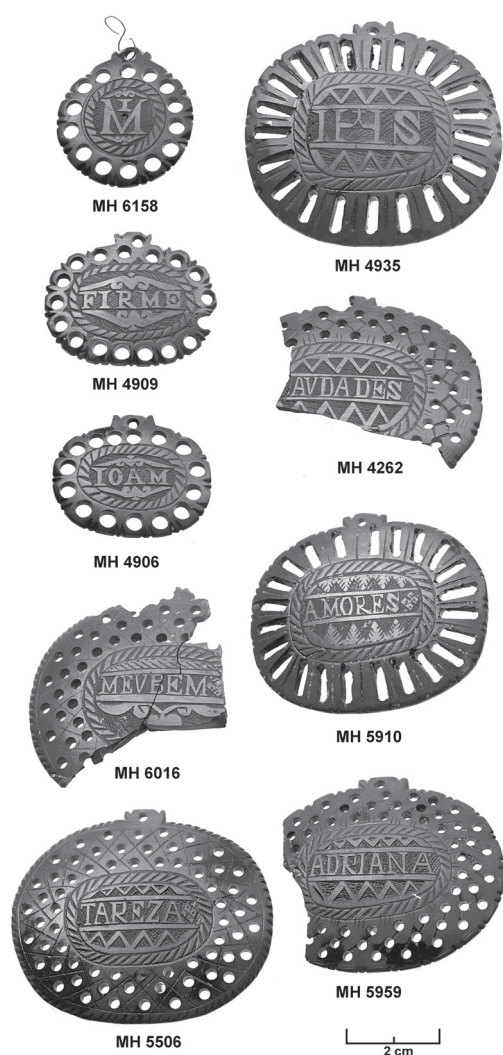
A coexistência entre objectos de cunho religioso e outros de origem profana com atributos mágicos ou taumatúrgicos foi muito comum na história do Cristianismo, nomeadamente na época da expansão. Surgiram nesta



4. Medalhas.

4. Para o caso espanhol, refiram-se a título de exemplo os artigos publicados em TORRES, 2011.

jazida arqueológica 13 medalhões em azeviche, com três tipologias: 9 ovais com 5x6 cm; 2 ovais com 3x2,5 cm; 2 circulares, com 3 cm de diâmetro; têm diferentes tipos de inscrições e decorações, às quais se atribuem significados distintos (fig. 5). Um deles puramente religioso, quando alusivo a Jesus Cristo ou à Virgem Maria, através das seguintes inscrições: «IHS» (MH4935), as três primeiras letras do nome de Jesus em grego, IHSOUS, a partir do século XVII interpretado pelo latim como IESUS HOMINIUM SALVATOR; ou «MI» (MH6158), exprimindo a designação de Maria Imaculada. Outros objectos apontam para um sentido evocativo que ultrapassa a fé católica, como as inscrições «VIDA» ou «FIRME» (MH4909), este último encorajando à força e coragem. Por fim, um grupo de medalhões ostenta gravado o nome de um ofertante, daquele que se quer lembrar ou, simplesmente, o nome do possuidor, distinguindo-se designações gerais, como «(S)AUDADES» (MH4262), «MEVBEM» (MH6016) e «AMORES» (MH5910), antropónimos femininos, seja «TAREZA» (MH5506), «ADRIANA» (MH5959), «IZABEL» ou «IASINTA», ou um



5. Medalhões.

antropónimo masculino, representado pela inscrição «IOAM» (MH4906).

A presença destes medalhões mostra uma ligação ao sagrado num misto de religiosidade e superstição, presente também em cruces ou breves, relacionados com o “culto semi-privado, semi-público do divino” (Sousa, 2004, p. 167). Este aspecto sai reforçado se atentarmos ao material em que foram fabricados os exemplares recuperadas nesta fragata, o azeviche, ou âmbar negro, resina fóssil de cor negra brilhante. Trata-se de um material utilizado na Península Ibérica desde a Antiguidade para fabrico de objectos com poderes protectores e mágicos. O seu uso renascera na Idade Média com as peregrinações a Santiago de Compostela, para a manufactura de objectos de culto aos quais se atribuíam poderes taumatúrgicos. Foram produzidos em Espanha por uma corporação em regime de monopólio nos séculos XV e XVI, quando a sua manufactura passou a ser feita também nas Astúrias. O seu transporte para a América, sob a forma de contas, rosários, imagens, amuletos e também medalhões, está documentado em fontes escritas de finais de Quinhentos e da centúria seguinte, exumando-se igualmente em sítios arqueológicos do Novo Mundo em estratos mais tardios (Deagan, 2002, p. 38-39, 73-74, 93-98).

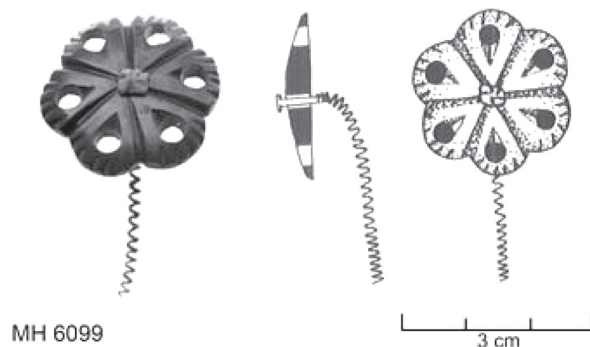
Em Portugal surgiram exemplares deste tipo de objectos no convento de Santa Clara-a-Velha de Coimbra, nomeadamente medalhões com evocações religiosas ou antropónimos femininos, sendo ali interpretados como reflexo deste sentimento religioso da época moderna que, mesmo no interior de uma congregação de clarissas, articulava fortemente com práticas e usos supersticiosos (Côrte-Real, 2009, p. 40-41). Muitos outros sítios arqueológicos nacionais documentaram objectos em azeviche, sobretudo contas de rosários e figas, sendo evidente um uso generalizado.

Os medalhões recuperados na *Santo António de Taná* terão sido fabricados em contexto português, dado o teor das inscrições bem nacionais, crendo-se que a matéria-prima tenha origem europeia, visto não se conhecer exploração à época desta substância em terras da orla do Índico. Não se pode excluir completamente que tenham sido talhadas na Ásia, sabendo-se que “com o objectivo de obter clientela, os ourives indianos procuravam seguir a moda e copiar os desenhos da península” (Arbeteta, 1998, p. 34), embora neste caso pareça menos provável. Tal como referido, estes medalhões seriam utilizados pela tripulação naufragada no quadro da sua vida espiritual e afectiva, crendo-se no seu uso relativamente generalizado à época, dado o número importante de exemplares detectados. A hipótese destes objectos serem mercadoria de trato

é menos verosímil, dada a sua clara afinidade com o quadro mental europeu, embora não possa ser totalmente descartada, como adiante se verá.

8. ALFINETE E BRINCOS: MULHERES A BORDO?

Alguns dos artefactos exumados na fragata podem claramente ser associados ao quotidiano feminino, podendo indiciar a presença de mulheres a bordo. Trata-se de uma hipótese intrigante à partida, dado que a embarcação cumpria uma missão militar específica e a presença de mulheres a bordo seria sempre evitada, visto ser geradora de inúmeros problemas. No entanto a documentação da Inquisição de Goa parece demonstrar que esta situação não foi esporádica. As mulheres que embarcavam nas naus da Carreira da Índia eram normalmente clandestinas "a fugir às pestes, à orfanidade, a maridos insuportáveis, com desejos de mudar de vida, vestidas de homem, atrás de sonhos de amor e vida melhor". Seguiam também algumas esposas de súbditos do monarca que iam servir ou viver na Índia, bem como prostitutas (D'Armada, 1994, p. 199-218).



MH 6099

José de Avelar (?), *D. Luísa de Gusmão*, c. 1657.

6. Alfinete de cabelo.

Foi identificado no espólio da *Santo António de Taná* um adorno de cabelo "trémulo" em florão, com estrutura móvel, fabricado em azeviche (MH6099, fig. 6). Este tipo de enfeite era muito comum no século XVII e XVIII, como é visível na pintura de D. Luísa de Gusmão realizada por José Avelar c.1657, ou no "*Retrato de Dama*", de c.1625-1635. Os cabelos femininos nesta época usavam-se baixos, "na frente e dos lados eram enrolados para trás enquanto o restante era trançado e reunido na nuca, sendo preso por fitas, grampos e botões ornamentais" (Köhler, 1996, p. 352). Madame D'Aulnoy comentava em 1679 sobre as mulheres espanholas que "todas têm as suas cabeças cheias de alfinetes, alguns feitos de diamantes em forma de mosca ou borboleta e cujas cores advêm das diferentes pedras" (Deagan, 2002, p. 137). Esta moda não seria muito diferente da vivida em Portugal, embora a análise da iconografia pareça mostrar um uso mais comedido de adornos de cabelo.

Foram também identificados nos destroços desta embarcação quatro brincos inteiros (MH5023, MH5415/2, fig. 7) e outros quinze fragmentos de características semelhantes. São todos fabricados em azeviche, têm cerca de 6 cm de comprimento e são constituídos por três elementos: um florão recortado em seis secções, nuns casos mais arredondadas, noutros mais a pontadas, com uns exemplares mais decorados por finas incisões que outros; um laço, com dimensões variando entre os 2 e 5 cm, nuns casos de composição mais simples, noutros representando um entrelaçado mais denso com vários orifícios; e um pingente, composto por pequena anilha de ligação, um corpo cónico médio e um circular de maiores dimensões.

Esta parece ser uma composição típica dos brincos desta época, como se pode testemunhar em vários tipos de fontes. Por um lado, a pintura, de que é exemplo a obra "*El niño enfermo*", de Gabriel Metsu, de c. 1660, por outro os objectos de joalheria portuguesa (D'Orey *et al*, 1995). A este propósito refira-se que, pelas suas características formais e decorativas, estas peças em azeviche parecem tratar-se de reproduções de jóias, um facto que se poderá relacionar com a tendência dos grupos populares mais endinheirados para utilizar "soluções de menor custo, como as imitações" (Arbette, 1998, p. 33). Os achados arqueológicos de brincos na América espanhola são numerosos, incluindo objectos com diversos fabricos, sobretudo vítreos, mas onde se incluem objectos em azeviche (Deagan, 2002, p. 126-30). Recorrendo novamente ao testemunho de Madame D'Aulnoy para as mulheres espanholas, registava-se em finais de Seiscentos que estas "suspensas nas orelhas usam largos pendentes, excessivamente pesados, que não sei como podem suporta-los" (Deagan, 2002, p. 127). Aparentemente os portugueses eram conhecidos



Gabriel Metsu. El niño enfermo, c. 1660.

7. Brincos.

nesta época pela sua mestria no fabrico de colares, mas também de pendentes (Dalmau e Janer, 1947).

Resta, pois, interpretar a presença destes objectos na *Santo António de Taná*. Não se podendo descartar a hipótese de seguir alguma mulher a bordo da fragata, eventualmente no séquito do capitão-geral Luís de Melo de Sampaio e seus oficiais, a hipótese que por ora parece mais plausível é de que estes materiais em azevi-che, certamente raros na costa oriental africana, tenham sido transportados como mercadoria de comércio. Na verdade, se a principal missão confiada pelo vice-rei a Melo de Sampaio era descercar a fortaleza de Mombaça, este fidalgo também partiu de Goa com o posto de capitão-geral dos rios de Sofala, um cargo altamente rendoso pelas possibilidades de trato naquela região de Moçambique. A sucessão dos factos naquele ano de 1697 evidencia claramente que o comandante da expedição deu prioridade a estes interesses em relação ao socorro da posição sitiada, transportando os seus haveres durante os recontros militares⁵. A presença de uma importante carga de ébano entre os destroços da fragata tem sido relacionada, precisamente, com a mercancia, a que se entregou o capitão antes mesmo de cumprir o desafio militar que lhe havia sido cometido.

5. Confira-se a citada relação do cerco de Mombaça, muito crítica da acção do vice-rei e do comandante da expedição de socorro (Biblioteca Nacional, *Fundo Geral*, Códice 584, fol. 18-18v). Segundo este documento, quando saiu de Moçambique para socorrer pela segunda vez Mombaça, fez "embarcar o general tudo o que tinha de seu em Moçambique" (*Ibidem*, fol. 55v).

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inserindo-se o presente texto numa investigação mais vasta sobre o sítio de naufrágio da fragata *Santo António de Taná*, deve ressaltar-se que as hipóteses aqui lançadas deverão, de futuro, ser objecto de confronto e discussão com os demais trabalhos parcelares, com vista à resolução de problemáticas aqui apenas afloradas. Ainda assim, o estudo dos materiais ligados ao vestuário permitiu, por um lado, identificar as diferenças sociais dos que seguiam a bordo e as imagens que caracterizavam essa hierarquia. Elementos do traje, como os botões, os sapatos ou, em menor escala, as fivelas, apresentavam características que permitem associá-los ao restrito grupo em torno do capitão-geral, ou aos demais portugueses embarcados. Da esmagadora maioria dos tripulantes, de origem africana e sobretudo indiana, restaram naturalmente menos sinais, dada a pobreza da sua indumentária. Deve, aliás, referir-se que os achados da *Santo António de Taná* apresentam alguma excepcionalidade neste âmbito, pelo elevado peso relativo de bens de algum luxo. Tal situação deve justificar-se pelo facto do comandante da expedição ter seguido para o combate com todos os seus haveres. Com efeito, a maior parte deste espólio foi exumado, precisamente, junto à popa da fragata, espaço reservado à elite embarcada, onde foram aliás recuperados outros materiais de circulação mais restrita (Piercy, 1981, p. 109-10).

Por outro lado, a recolha de medalhas e medalhões entre os destroços da embarcação possibilitou abordar a religiosidade dos que seguiam a bordo, mais uma vez com enfoque limitado a um grupo, o dos cristãos. As evocações presentes nas primeiras, produzidas e largamente difundidas nas cristandades dos Velhos e Novos Mundos, condizem perfeitamente com as crenças dos nautas à época, identificando-se com o mar, as viagens marítimas, a guerra ou o apostolado missionário oriental. As inscrições gravadas no azeviche dos segundos apontam para as superstições, crenças, aspirações e “sentimentos individuais” da gente embarcada, no universo religioso complexo e diverso da Idade Moderna.

Por fim, brincos e alfinetes permitem colocar a hipótese de mulheres seguirem na fragata, eventualmente no círculo do capitão-geral Luís de Melo Sampaio. As peças fabricadas em azeviche poderiam, contudo, ser um objecto para o trato na costa oriental africana, aquele que parece ter sido o grande objectivo do comandante da frota durante os meses que permaneceu na região. A ambiguidade das ordens dadas em Goa possibilitou que este fidalgo da Índia privilegiasse o exercício do rendoso posto de capitão-geral dos rios de Sofala ao de líder da operação de socorro a Mombaça, contribuindo assim para o desfecho trágico da embarcação e da presença portuguesa naquela zona.

BIBLIOGRAFIA

ARBETETA, L. (1998) – *La joyería Española de Filipe II a Alfonso XIII*. Madrid: Editorial Nerea.

BARROS, A. J. M. (2004) – Vida de marinheiro. Aspectos do quotidiano das gentes do mar nos séculos XV e XVI. In *Estudos em homenagem a Luís António de Oliveira Ramos*. Porto: Faculdade de Letras do Porto, p. 249-63.

BOUCHER, F. (1987) – The Seventeenth Century. In *20,000 Years of Fashion. The history of costume and personal adornment*. New York: Harry N. Abrams, Inc., Publishers, p. 251-89.

CARDOSO, J. L. (2008) – Resultados das escavações arqueológicas realizadas no claustro do antigo Convento de Jesus (Academia das Ciências de Lisboa) entre Junho e Dezembro de 2004. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 11:1, p. 259-84.

CASTRO, X. de e BOUCHON, G., ed. (1998) – *Voyage de Pyrrard de Laval aux Indes orientales (1601-1611)*, Paris: Editions Chandeigne, 2 vols.

CÔRTE-REAL, A., coord. (2009) – *Mosteiro de Santa Clara de Coimbra. Do convento à ruína, da ruína à contemporaneidade*, 2.ª edição. s.l.: Direcção Regional de Cultura do Centro.

CUMMING, V. (2010) – *The dictionary of fashion history*. Oxford / New York: C.W. Cunnington and P.E. Cunnington.

D'ARMADA, F. (1994) – As mulheres nas naus da Índia (séc. XVI). In *Actas do congresso internacional: O rosto feminino da expansão portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p.197-229.

D'OREY, M. L.; SANTOS, R. e CARVALHO, R. (1995) – *Cinco séculos de joalharia, Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Instituto Português dos Museus / Zwemmer.

DAVIS, S. (1997) – Piecing Together the Past: Footwear and Other Artifacts from the Wreck of a 16th-Century Spanish Basque Galleon. In REDKNAP, M., ed., *Artefacts from Wrecks. Dated Assemblages from the Late Middle Ages to the Industrial Revolution*. Oxford: Oxbow Books, p. 110-20.

- DEAGAN, K. (2002) – *Artifacts of the Spanish Colonies of Florida and the Caribbean 1500-1800*, vol. II: *Portable Personal Possessions*. Washington / London: Smithsonian Institution Press.
- DOMINGUES, F. C. e GUERREIRO I. (1989) – A vida a bordo na Carreira da Índia (século XVI). In *VI reunião internacional da história da náutica e hidrografia*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, p.185-225.
- EGAN, G. (2005) – *Material culture in London in an age of transition. Tudor and Stuart finds c.1450 - c.1700 from excavations at riversides sites in Southwark*. Londres: Museum of London Archaeology Service (MOLAS Monograph, 19).
- FERREIRA, F. E. R. (1999) – Escavação da Igreja do Convento do Carmo. *Arqueologia e História*. Lisboa. 51, p. 73-164.
- GALVÃO, C. M. e GALVÃO, A. M. (1996) – *Santo Antônio, a realidade e o mito*. Petrópolis: Editora Vozes.
- GARDINER, J. e ALLEN, M. J. (2005) – *Before the mast: life and death aboard the Mary Rose*. Local: Mary Rose Trust.
- GOUBITZ, O.; DRIEL-MURRAY, C. e WAATERINGE, W. G. (2007) – *Stepping through Time: Archaeological Footwear from Pre-historic Times until 1800*, Zwolle: Stichting Promotie Archeologie.
- GRACIAS, M. F. da S. (1998) – Entre partir e chegar: saúde, higiene e alimentação a bordo da Carreira da Índia no século XVIII. In *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-portuguesa*. Angra do Heroísmo, p. 457-67.
- GUINOTE, P.; FRUTUOSO, E. e LOPES, A. (1998) – *Naufra- gios e outras perdas da "Carreira da Índia" séculos XVI-XVII*. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- KIRKMAN, J. (1974) – *Fort Jesus. A Portuguese Fortress on the East African Coast*. Oxford: Oxford University Press.
- KÖHLER, C. (1996) – *História do Vestuário*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAVER, J. (1989) – *A roupa e a moda. Uma História concisa*. São Paulo: Companhia das Letras.
- LEITE, J.; NUNES, M.; SOUSA, L. e GONÇALVES, C. (2006) – Sondagem arqueológica em Nespereira - Lousada: resultados preliminares de uma intervenção de emergência. *Op- pidum*. Lousada. 1, p. 11-45.
- MOURÃO, T. (2004) – *Entre murmúrios e orações: Aspectos da vida quotidiana do convento de Santa Clara-a-velha captados através do espólio funerário, séculos XVI e XVIII*. Tese de mes- trado em Museologia e Património Cultural, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado)
- PEDROSA, F. G. (2011) – *Marinheiros portugueses em navios espanhóis e as suas devoções (1550-1636)*, em linha www.nautical-archaeology.com/_pub.htm.
- PEREIRA, J. F. (1995) – O Barroco do século XVIII. In *História de Arte Portuguesa*, III. Lisboa: Círculo de Leitores, p. 51-181.
- PIERCY, R. C. M. (1977) – Mombasa wreck excavation, Pre- liminary report, 1977. *International Journal of Nautical Ar- chaeology*. 6.4, p. 331-47.
- PIERCY, R. C. M. (1978) – Mombasa wreck excavation, se- cond preliminary report. *International Journal of Nautical Ar- chaeology*. 7.4, p. 301-19.
- PIERCY, R. C. M. (1979) – Mombasa wreck excavation. Third preliminary report, 1979. *International Journal of Nautical Ar- chaeology*. 8.4, p. 303-09.
- PIERCY, R. C. M. (1981) – Mombasa wreck excavation. Fourth preliminary report, 1980. *International Journal of Nautical Ar- chaeology*. 10.2, p. 109-18.
- PIERCY, R. (1998) – A Escavação do Santo António de Tanna, um navio português naufragado no porto de Mombaça. *al- madam*. Almada. S. II^a, 7, p. 135-40.
- PIRES, A. P.; GUERRA, H. C. e PRATA, H. M. (1989) – *Traje eru- dito e traje popular português*. Macau: Leal Senado de Macau.
- POS, A. e LOUREIRO, R. M. L., ed. (1998) – *Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias orientais ou portuguesas*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- SASSOON, H. (1981) – Ceramics from the wreck of a Portu- guese ship at Mombasa. *Azania*. Nairobi. 16, p. 97-130.
- SILVA, A. J. (1993) – Modelos e Modas - traje de corte em Por- tugal nos séculos XVII e XVIII. *Revista da Faculdade de Letras – Línguas e Literaturas*, anexo V: *Espiritualidade e Corte em Portugal, sécs. XVI-XVIII*. Porto, p. 171-85.
- SILVA, M. B. N. da (1991) – A Cultura Implícita. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, dir., *Nova História da Expansão Portuguesa*, vol. VII: MAURO, Frédéric, coord., *O Império Luso-Brasileiro 1620-1750*. Lisboa: Editorial Estampa, p. 265-365.
- SILVA, M. B. N. da (2001) – A Vida Quotidiana. In SERRÃO, Joel e MARQUES, A. H. de Oliveira, dir., *Nova História de Por- tugal*, vol. VII: MENESES, Avelino de Freitas de, coord., *Da paz da Restauração ao ouro do Brasil*. Lisboa: Presença, p. 442-61.
- SILVA, N. V. e (1995) – *Joalheria portuguesa / Portuguese Jew- ellery*. Lisboa: Bertrand Editores.
- SOUSA, É. (2006) – *Arqueologia da cidade de Machico. A cons- trução do quotidiano no século XV, XVI, XVII*. Madeira: Centro de Estudos de Arqueologia Moderna e Contemporânea.
- SOUSA, G. de V. (2004) – A joalheria feminina e o seu sig- nificado social e económico em Portugal. *Revista Museu*, Lis- boa. S. IV, 13, p.17-24.
- SULLIVAN, C. (1986) – *Legacy of the Machault: A Collection of 18th Century Artifacts*. s.l.: Parks Canada.
- TEIXEIRA, A. (2010) – *Baçaim e o seu território: política e eco- nomia (1534-1665)*, tese de doutoramento em História apre- sentada na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Uni- versidade Nova de Lisboa (policopiado).
- TEIXEIRA, J. (1990) – *A iconografia da época da Restauração, Museu de Évora*, Lisboa: Instituto Português do Património Cultural.
- TORRES, A. (2006) – *Complementos de traje provenientes da escavação da Praça Luís de Camões em Lisboa – do Palácio dos Marqueses de Marialva aos Casebres do Loreto (séc. XVII-XVIII)*. Trabalho final de curso em História, variante Arqueologia, na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (policopiado).
- TORRES, J. ed. (2011) – *XIV Congreso Nacional de Numismáti- ca. Ars metallica: monedas y medallas. Nules-Valencia, 25-27 de octubre de 2010*. Madrid: Museo Medallística «Henrique Giner» e Museo Casa de la Moneda.